

LAMMEL, Annamária; GOLOUBINOFF, Marina; KATZ, Esther (Orgs.). **Aires y llluvias**: antropología del clima en México. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social/Centro de Estudios Mexicanos y Centroamericanos/Institut de Recherche Pour le Développement/Publicaciones de la Casa Chata, 2008. 638 p.

**JANE FELIPE BELTRÃO<sup>1</sup>**  
*UFPA*

---

No campo da Antropologia para estudar, “falar sobre” e/ou dialogar com os povos indígenas e, também, com não-indígenas, compreendendo a dimensão do conhecimento nativo, faz-se necessário, tomar a sério a cosmologia das diversas etnias e comunidades, que informam as práticas sociais. A observação parece óbvia, mas para conhecer os percursos da relação entre clima e sociedade, os cuidados devem ser redobrados uma vez que percepções, previsões e manipulações sobre o clima são indelevelmente marcadas pela compreensão do mundo, inclusive em sociedades não-indígenas que, se acredita não mantêm uma sólida visão de mundo, dada as relações globalizadas. É certo, que nem sempre, nas etnografias, se trabalha aprofundadamente, a relação clima/sociedade, a não ser quando o objeto de estudo são: práticas agrícolas, crenças religiosas ou rituais que consideram a possibilidade de intervenção, mais direta dos interlocutores sobre os “ares” (monções, ventos, tornados e furacões) e, as chuvas (chuviscos, chuvadas, borrascas, pancadas de chuva, chuva

---

<sup>1</sup> Antropóloga e historiadora, docente junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora do CNPq. E-mail: [jane@ufpa.br](mailto:jane@ufpa.br).

forte e até tormentas), mesmo sabendo o quanto elas são importantes no dia-a-dia.

Penso que o livro, aqui resenhado, editado por Annamária Lammel, Marina Goloubinoff e Esther Katz, adequadamente denominado *Aires y lluvias: Antropología del Clima en México*, que explora as diversas facetas da relação entre clima e sociedade, produzida pelos agentes sociais pertencentes a diversos grupos, no passado ou no presente, no México, entre povos indígenas e não-indígenas, no mundo rural e no mundo urbano, abrigados em arcabouço teórico/empírico da Antropologia Social e da Arqueologia, vem, não somente, preencher uma lacuna, mas sobretudo alargar conhecimentos sobre a importância das percepções acerca da “natureza” de ares e chuvas no cotidiano das sociedades, alimentando o apetite para os estudos sobre “entoclimatologia”, “etnometeorologia”, “etnoastronomia” que, por ora, são tarefas um tanto quanto secundárias, nos campos cruzados pelos antropólogos, mas muito procuradas pelas ciências exatas e agrônômicas<sup>2</sup>.

O trabalho das editoras do precioso volume é alentado e se constitui em bibliografia de raro valor para – esgarçando os objetivos das editoras – compreender a relação humanos e os diversificados meio ambientes, abrangendo as relações mútuas de influência meio ambiente/cultura, avançando pelas nuances políticas, pois as práticas sociais interagem profundamente com a natureza e modelam, por exemplo, os padrões de estabelecimento de aldeias, estabelecimentos de moradias nos espaços territoriais ocupados pelas diversas sociedades. Situações, às vezes insuspeitas e pouco consideradas nos planos estratégicos e de desenvolvimento de vilas, cidades, hidrelétricas, entre tantos outros empreendimentos, pois os planejadores desconhecem o que pensam, por exemplo: os moradores de favelas nas encostas dos morros, ou de ribeirinhos localizados em

---

<sup>2</sup> As preocupações mencionadas integram os objetivos da *Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica* (MEC/SEB) que, na UFPA, mantém o *Programa Educimat – Formação, Tecnologias e prestação de Serviços em Educação e Ciências e Matemáticas* no qual coordeno a área de Educação Indígena. Dentro da proposta finalizamos a pouco o livro *Matemáticas: No plural! Saberes matemáticos indígenas e sistemas de aferição* (BELTRÃO e MASTOP-LIMA, 2009), no qual arqueólogos, antropólogos, pesquisadores indígenas e físicos “de plantão” aceitaram o desafio de narrar as belas histórias de matemáticos de povos desaparecidos e viventes na tentativa de chamar atenção para uma interessante e estruturada área de conhecimento, desconhecida no mundo Ocidental.

áreas inundáveis, em grande parte do ano, alegando que as pessoas são “teimosas”.

Dividido em quatro partes, o livro contempla, inicialmente *ritos e calendários* de sociedades camponesas indígenas considerando o tempo que faz e o tempo que passa a partir de calendários climáticos, astronômicos, agrícolas e religiosos. Os autores estabelecem relações de complementaridade entre as estações do ano e os fundamentos da cultura mesoamericana demonstrando as possibilidades de planejamento das atividades dos grupos estudados, consideram ainda a simbologia cromática das estações, os marcadores lingüísticos, as demandas e os agradecimentos às chuvas ou aos santos católicos. Muitos artigos podem ser lidos por leigos, como uma narrativa sobre as tradições com as quais se aprende e que ajudam a refletir sobre crenças que eram narradas por nossas avós.

Em segundo lugar, o livro dedica-se à *percepção dos fenômenos meteorológicos*, os autores examinam cuidadosamente, por intermédio da mitologia, da apreensão do espaço, correlacionando-os com os fenômenos meteorológicos específicos, mas sem separá-los dos demais fenômenos, embora a chuva, a terra e o sol se destaquem entre as representações nativas. Há uma preocupação com a dinâmica dos fenômenos e suas repercussões, sem descurar das permanências de certas representações ao longo do tempo. Apontam, inclusive, as relações entre os fenômenos naturais e o corpo humano detendo-se nas possibilidades de perigo, especialmente para mulheres e na produção de enfermidades, apresentando “embricamentos”, talvez, insuspeitos!

Na terceira parte, o livro apresenta, ao leitor, a “capacidade” dos ares e das chuvas em produzir *poder e castigo*. “Oferece” poder aos que conseguem controlar o clima por atos e palavras e até por meio de rituais, manifestações estas que se não observadas “podem” contrariar as divindades que, expressam seu descontentamento, castigando os humanos “enviando” enfermidades que maltratam os membros das diversas sociedades da Mesoamérica.

E, por fim, o livro traz esclarecimentos sobre *os danos ambientais e risco climáticos* a partir dos “caprichos” do clima que afetam os humanos e estão correlacionados ao manejo do meio ambiente nos

séculos precedentes que terminam por imperícia produzindo desastres ambientais. As repercussões do manejo inadequado se manifestam via secas, inundações e tornados que são percebidos de forma diferenciada pelos agentes sociais, usando para tal fonte históricas que analisam a gravidade do evento ponderando as condições sociais e discutindo o conceito de “vulnerabilidade diferencial” associado às noções de “capacidade de recuperação” e “estratégias adaptativas” demonstrando a ação dos agentes sociais frente aos desastres. A forma de trabalhar dos autores sugere temas de pesquisa que, no caso do Brasil, se manifestam de formas diversas, que se fossem estudados a partir do ponto de vista dos nativos trariam contribuições inestimáveis, inclusive para investigar as noções de pertença a espaços naturais “humanizados” pelos povos indígenas por exemplo. Refiro-me a relação dos povos indígenas com o Rio Xingu, considerado sagrado e alvo de cuidados especiais para não se voltar contra os humanos que por ventura o maltratem ou o ameacem, como no caso da implantação da Hidrelétrica de Belo Monte que provoca apreensão, não tanto pelo empreendimento em si, mas sobretudo pela “ofensa” às águas e pela possibilidade de castigos diversos pelo desrespeito aos preceitos de interação homem/natureza.

As observações feitas pelos autores chegam, ao leitor, com inúmeras ilustrações, algumas em detalhe, apresentando a produção de artefatos relacionados à cultura material dos mexicanos, guardadas com patrimônio representativos das práticas estudadas. Não faltam gráficos produzidos em diversas circunstâncias, apontando variações de temperatura e climáticas; precipitações pluviométricas; uso de recursos, escassos ou abundantes, como a água; e, respostas dos agentes sociais às intempéries que os acometem. Os dados coletados, também, integram tabelas que contém a previsão do tempo; as sequências mitológicas que apreendem o clima; as correlações entre crenças, desastres agrícolas, repercussão de ciclones e outras intempéries. Acrescem, ainda, à leitura os detalhados mapas que permitem ao leitor esquadrihar os terrenos sobre os quais falam os autores, permitindo uma visão espacial das observações feitas, pois os artigos se baseiam em trabalho de campo consistente que ultrapassa a Antropologia e extrapola as fronteiras disciplinares, ao obter lastro nas ciências que

estudam os fenômenos naturais, avaliando os dados da Mesoamérica, em comparação ou em relação, a situações fora do âmbito estudado, ampliando sobremaneira as interpretações globais.

Aparentemente, um trabalho sobre o México não teria correlações com a realidade brasileira, mas divisando pelo ângulo da comparação, as semelhanças são enormes. No Brasil, como os demais países sulamericanos e mesoamericanos, vivemos períodos de dominação colonial europeia; há anos se convive com povos transplantados (africanos e asiáticos); em nossos territórios há povos indígenas, apesar do etnocídio; “padecemos” com a tradição cristã judaica hegemônica que ofusca o conhecimento e as formas de conceber o mundo de forma nativa, portanto as possibilidades de diálogo, guardadas as devidas proporções, parecem pertinentes e adequadas. Assim, ler os autores que escreveram sob as orientações das editoras de *Aires y lluvias* é pertinente, não hesite leia, comece pelo fim, vá ao princípio, escolha os artigos pelo título que mais lhe chamar atenção, pois apesar da linearidade e da organização as parte e os artigos podem ser lidos de forma independente, são deliciosos, parecem narrativas encantadas sobre climatologia, povos indígenas mexicanos, cosmovisões étnicas ou não, clima e água na religião ou pensada como folclore, desastres ambientais que nos fazem refletir, histórias que permitem conhecer e desvendar mistérios da natureza e a ação dos humanos sobre a natureza, bem como os limites que a natureza impõe como desafio aos humanos.

---

### Referências bibliográficas

BELTRÃO, Jane Felipe; MASTOP-LIMA, Luiza (Orgs.). **Matemáticas no plural!** saberes matemáticos indígenas e sistemas de aferição. Belém: Instituto de Educação Matemática e Científica, 2009.

LAMMEL, Annamária; GOLOUBINOFF, Marina; KATZ, Esther (Orgs.). **Aires y lluvias:** antropología del clima en México. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social/Centro de Estudios Mexicanos y

Centroamericanos/Institut de Recherche Pour le Développement/Publicaciones de la Casa Chata, 2008.

---